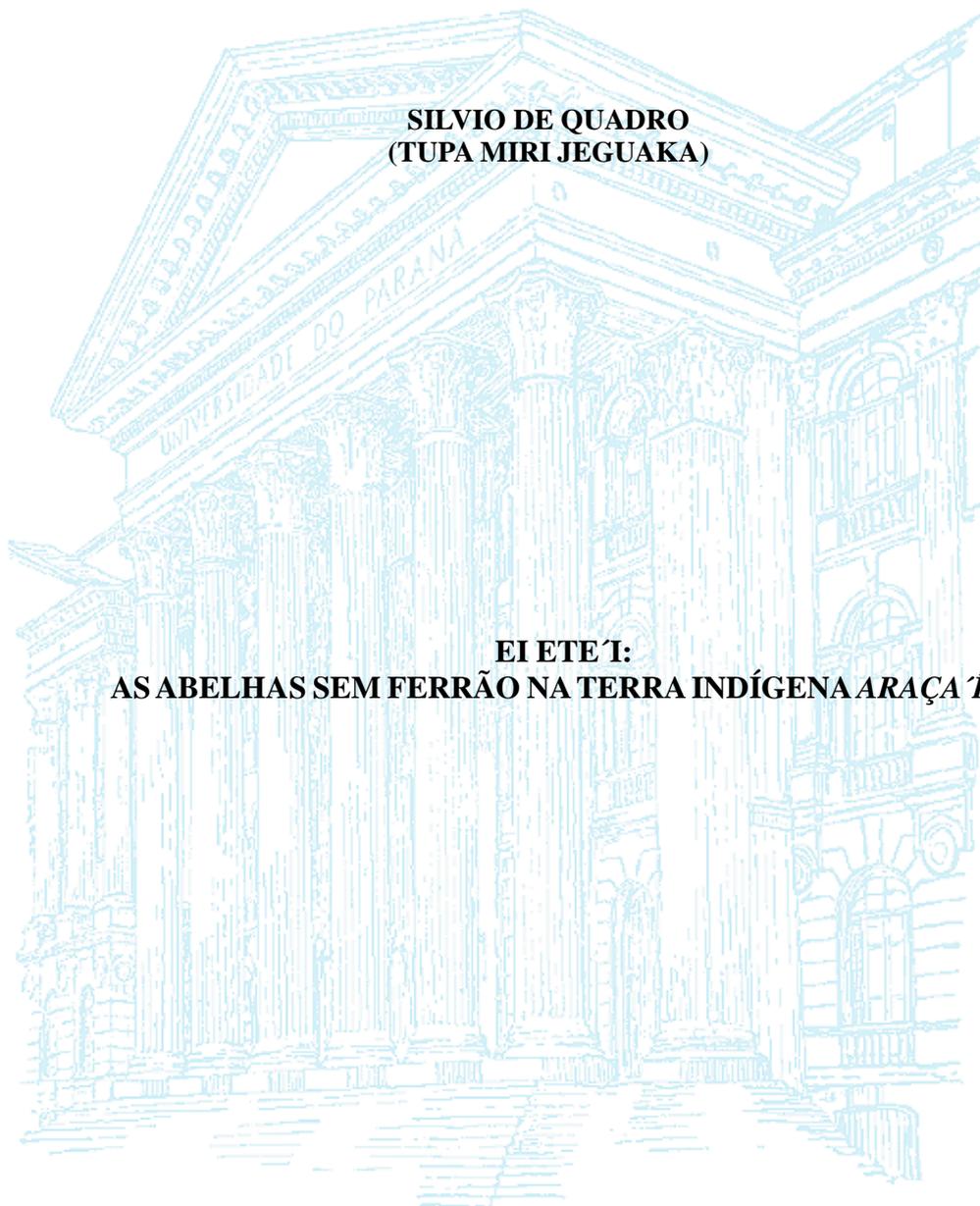


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO:
CIÊNCIAS DA NATUREZA

**SILVIO DE QUADRO
(TUPA MIRI JEGUAKA)**

**EI ETE'Í:
AS ABELHAS SEM FERRÃO NA TERRA INDÍGENA ARAÇA'Í**



MATINHOS
2023

**SILVIO DE QUADRO
(TUPA MIRI JEGUAKA)**

**EI ETE'Í:
AS ABELHAS SEM FERRÃO NA TERRA INDÍGENA ARAÇA'Í**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Ciências da Natureza, do Setor Litoral da Universidade Federal Do Paraná.

Orientadora: Prof. Ândrea Francine Batista

MATINHOS
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
COORDENAÇÃO DA CÂMARA CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
CIÊNCIAS DA NATUREZA

Rua XV de Novembro, 1299, - Bairro Centro, Curitiba/PR, CEP 80060-000
Telefone: (41) 3360-5000 - <http://www.ufpr.br/>

ATA DE REUNIÃO

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 30 (trinta) dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e três, às 16 horas e 40 minutos, no formato híbrido (presencial e remoto), na sala virtual da Plataforma “Teams” do curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza (Lecampo) do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná e na sala 13 do Bloco Didático "B" do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, reuniram-se sob a presidência da Professora Ândrea Francine Batista os seguintes participantes: o estudante **SILVIO DE QUADRO**, discente da turma de 2018 – GRR20181587, e os docentes, Dr. Lourival de Moraes Fidelis (UFPR - Setor Litoral, Lecampo), e Dr. Gilson Walmor Dahmer (UFPR - Setor Litoral, Lecampo), ambos convidados como membros da Banca de Avaliação. A presidente cumprimentou os presentes e iniciou, às 16 horas e 40 minutos, a apresentação pública do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do supracitado discente, cujo título é: "**EI ETE'I: AS ABELHAS SEM FERRÃO NA TERRA INDÍGENA ARAÇA'Í**", como requisito curricular indispensável à integralização do curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza. Depois de encerrada a sessão, a Banca Examinadora deliberou e decidiu pela aprovação do referido trabalho com conceito APL, divulgando formalmente ao discente o resultado e estabelecendo que a entrega da versão final do TCC deverá ser feita à orientadora no prazo estipulado, conforme as normativas do Trabalho de Conclusão de Curso. Às 18 horas, eu, na qualidade de presidente da Banca Examinadora, lavrei a presente ata que foi lida e aprovada, sendo a primeira via pertencente à Câmara e a segunda via disponibilizada ao discente.



Documento assinado eletronicamente por **ANDREA FRANCINE BATISTA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 25/07/2023, às 18:49, conforme art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **GILSON WALMOR DAHMER, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/08/2023, às 13:57, conforme art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **LOURIVAL DE MORAES FIDELIS, VICE-DIRETOR(A) DO SETOR LITORAL**, em 01/09/2023, às 15:32, conforme art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



A autenticidade do documento pode ser conferida [aqui](#) informando o código verificador **5688193** e o código CRC **357990CF**.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Decreto 2941/2007: Implantação da Terra Indígena Araçáí	p.13
FIGURA 02 – Percurso de Piraquara à Aldeia Araçáí	p.14
FIGURA 03 – Tekoa Araçáí	p.15
FIGURA 04 – Lateral da Casa de Reza	p.16
FIGURA 05 – Casa de Reza	p.16
FIGURA 06 – Placa da Escola Indígena Mbyá Arandú	p.17
FIGURA 07 – Primeira Construção da Escola Indígena Mbyá Arandú	p.17
FIGURA 08 – Novas instalações da Escola Indígena Mbyá Arandú	p.18
FIGURA 09 – Posto de Saúde	p.18
FIGURA 10 – Posto de Saúde – visão lateral	p.19
FIGURA 11 – Placa de entrada da Tekoa Araçáí	p.23
FIGURA 12 – Casa de Abelha Mandori no tronco de árvore	p.26
FIGURA 13 – Casa de Abelha Mandori em árvore na Floresta	p.27
FIGURA 14 – Casa de Abelha sem ferrão na Tekoa Araçáí – I	p.28
FIGURA 15 – Casa de Abelha sem ferrão na Tekoa Araçáí – II	p.29

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 –Nome e identificação das abelhas encontradas na Tekoa Araçáí p.23

LISTA DE ABREVIATURAS

AISAN	- Agente Indígena de Saneamento
LECAMPO	- Licenciatura em Educação do Campo
UFPR	- Universidade Federal do Paraná
PA	- Projeto de Aprendizagem
PR	- Paraná
SESAI	- Secretaria de Saúde Indígena

RESUMO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa feita durante o Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza na Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral. O tema que discutimos neste trabalho é sobre as abelhas sem ferrão (*Ei ete'ĩ*) encontradas na Terra Indígena Araçá'í, uma Tekoa Guarani Mbyá localizada no município de Piraquara (Paraná). Para a cultura Guarani Mbyá o mel das abelhas é sagrado e o conhecimento sobre elas vem de nossos antepassados. É usado como alimento, em nossos rituais de cura, e também em nossos artesanatos. As abelhas e seu mel ajudaram os Guaranis em sua trajetória de resistência, elas dependem das florestas em pé e da biodiversidade. As abelhas nativas fazem parte da vida e da cultura do povo Guarani Mbyá.

Palavras-chave: Abelhas sem ferrão; Sabedoria Guarani; Guarani Mbyá;

RESUMO EM GUARANI MBYÁ

Kova'e mba'apoma ajapo Kara pesquisa anhembo'aja Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza na Universidade Federal do Paraná py_ Setor Litoral. Kova'e nhembo'eama onhemombe'u Eiete' i reguare akuaiva' vale Tekoa Araxa' ipy município de Piraquara Paraná py. Orerekopygua Hera ha'gui nanhandexarai ' nhagua nhenderekogui eite' Gui mymba'igui' há'etei kova' epy uma nhaneramoi kuery oguereko haema raka'e. Tembi' u rami haeavi ra'e. Nhandereko py jaiporu'iagua' há'egui mba' emo parara rupi havi. Eiru hete'i guima ay revê nhanebaraepe jakuapy nhe' i va' ekuery nhandekuai'i va' e yvyrupare.

Palavras-chave: Ei ete'í; Mbyá Arandu; Guarani Mbyá;

RESUMEN

Este trabajo es el resultado de una investigación realizada durante el Curso de Licenciatura en Educación Rural – Ciencias de la Naturaleza de la Universidad Federal de Paraná – Sector Litoral. El tema tratado en este trabajo es sobre las abejas sin aguijón (*Ei ete'ĩ*) encontradas en la Terra Indígena Araçá'í, una Tekoa Guarani Mbyá ubicada en el municipio de Piraquara (Paraná). Para la cultura Guaraní Mbyá, la miel de las abejas es sagrada y el conocimiento sobre ellas proviene de nuestros ancestros. Se utiliza como alimento, en nuestros rituales de curación y también en nuestras artesanías. Las abejas y su miel ayudaron a los guaraníes en su camino de resistencia, ellos dependen de los bosques en pie y de la biodiversidad. Las abejas nativas son parte de la vida y cultura del pueblo Guaraní Mbyá.

Palabras clave: Abejas sin aguijón; Sabiduría Guaraní; Guaraní Mbyá;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p.08
Contos de Minha Vida	p.08
Sobre o Trabalho de Conclusão de Curso	p.09
CAPÍTULO 01: TEKOA ARAÇA'Í	p.12
CAPÍTULO 02: AS ABELHAS NATIVAS NA TEKOA ARAÇA'Í	p.21
2.1 Jateí	p.24
2.2 Ei Miri'í	p.24
2.3 Ei raviju	p. 25
2.4 Mandori	p. 27
2.5 Ei Guaxu	p. 27
2.6 As Abelhas Nativas na Cultura Guarani	p.28
CAPÍTULO 03: A SABEDORIA GUARANI MBYÁ SOBRE AS EI ETE'Í	p.30
3.1 O Batismo do Mel na Tekoa Araça'í	p.32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p. 36
ANEXOS	p. 37

INTRODUÇÃO

Mbovy jexara'ú, mboraei, mbovy hu'y ha'e texay pa oxyry apy nha'ã aguã, mbya'a porã reve, nhaendu aguã mby'a vy'a, jaiko nhaendu aguã vyvai? Ayvu porã jajopy aguã, Nhe'e Porã, jajapyxaka rã, mbeguei, nhambojerovia jareko rã, nhaendu ha'e jajapo va'e reve, opamba'e nhande reve oi va'e pe: Yvyvai oikove, ayvu ma arandu rapyta, ayvu ma imabaraete, ayvu ma inhe'e va'e. Diara Tukano (TUKANO, 2023, n.p.)

Quantos sonhos, cantos, quantas flechas e lágrimas foram derramados para que pudéssemos estar aqui, de peito aberto, dispostos a passar a emoção de viver e ouvir o mundo? Para acolher as belas palavras, nhe'e porã, é preciso ter atenção, delicadeza e respeito com o que pensamos e fazemos e com tudo e todos à nossa volta: Terra é Viva, língua é memória, palavra tem poder, palavra tem espírito. Diara Tukano (TUKANO, 2023, n.p.)

Contos de Minha Vida

Meu nome é Tupa Miri Jeguaka - nome indígena de batismo, ou Silvio de Quadro, nome não indígena. Nasci no Município de Espigão Alto do Iguaçu/Paraná, na Terra Indígena de Rio da Cobras, Aldeia Pinhal. Cresci e convivi com os falecidos bisavós Juvelino de Quadro e Riqueta Gomes, que agora descansam em paz. Sou do povo Guarani *Mbya*, um entre os muitos povos indígenas que existem em nosso país.

A partir de 6 anos de idade já ouvia falar a respeito das abelhas sem ferrão (*Ei Ete'i*), porque meu avô pegava o mel do mato pra o consumo e manuseava as abelhas. Naquela região tinha muitas abelhas sem ferrão, principalmente *Jate'i* e *Miri'i*.

Quando comecei a me interessar pela abelhinha, resolvemos mudar para outra cidade, em São Miguel do Iguaçu, município de Santa Rosa/Paraná, na Terra Indígena de *Ocoy*. Moramos lá durante 3 anos e nesse período não presenciei nenhuma da existência das abelhas sem ferrão, possivelmente porque nesta região havia muita monocultura, principalmente plantação de soja, além disso a reserva era pequena e com pouca presença da natureza. Nesse território, na comunidade os povos indígenas eram miscigenados.

De lá vim para o município de Chopinzinho/Paraná, para a Terra Indígena de Palmeirinha do Iguaçu, para morar com meu pai José de Quadro. Como era parecida com a Aldeia de Pinhal, percebi que tinha bastante abelha das mesmas espécies *Jate'i* e *Miri'i*.

Morei apenas dois meses com meu pai, e resolvi vir com o senhor Marcolino Silva (*Xamoi Marangaju*) para o Município de Piraquara/Paraná na Terra Indígena *Araça'í*. Moro nesta aldeia há 23 anos. E aqui já presenciei cinco espécies de abelhas sem ferrão. Então, por isso resolvi investigar e conhecer mais sobre as espécies de abelhas ferrão, porque elas fazem parte de nossas vidas, e para os povos indígenas Guarani *Mbya*, desde o surgimento de Terra (*Yvy Rupa*).

Atualmente trabalho na Escola Estadual Indígena *Mbya Arandú* (Sabedoria Guarani). É uma escola do Ensino Fundamental. Sou professor de bilíngue na minha Aldeia (*Tekoa*). Dou aula no período da tarde para: o 1º ano, com cinco alunos; para o 3º ano, com três estudantes; para o 4º ano com três estudantes; e para o 5º ano com somente dois estudantes. No total somam 13 estudantes.

Comecei a atuar na Escola a partir de 2017 com aprovação da comunidade. Como já tinha concluído o ensino, fui nomeado para atuar na escola. Desde então trabalho até hoje dando aula de Ciências na nossa língua (Guarani *Mbyá*) e no português.

No ano de 2017 fiz o processo seletivo para o Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LECAMPO) – Ciências da Natureza, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Setor Litoral, e passei. Desde então tenho investigado mais sobre o tema das abelhas sem ferrão (*Ei Ete'i*), um tema que conheci desde minha infância.

Infelizmente ainda não foi possível trabalhar esse tema junto aos estudantes De nossa Escola, mas pretendo com o passar do tempo, ir trabalhando pouco a pouco.

Sobre o Trabalho de Conclusão de Curso

Este trabalho é resultado de uma pesquisa desenvolvida durante o Curso LECAMPO. Ele foi tema de meu Projeto de Aprendizagem (PA), um módulo que atravessa todo o curso, e se prolongou na construção do Trabalho de Conclusão de Curso.

O tema central deste trabalho é sobre as *Ei Ete'i*, as abelhas sem ferrão que são encontradas na Terra Indígena *Araça'í*, o território onde vivo.

A *Tekoa Araça'í* está localizada no Município de Piraquara, região metropolitana de Curitiba, no Estado do Paraná, e tem mais de 20 anos de existência. As famílias que moram nesta Terra Indígena vieram de outros territórios, que são todos povos Guarani *Mbyá*. Fixaram ali sua morada para a continuidade de sua resistência. Uma aldeia que entre muitas conquistas, tem também uma escola indígena com o nome *Mbyá Arandú* (Sabedoria Guarani).

Escolhi este tema pensando no presente e no futuro das gerações que precisam saber mais e pesquisar sobre as espécies de abelhas existentes na região em que atualmente moramos, e também sobre sua relação com a vida e a cultura *Mbya* Guarani. Desde a infância eu já conhecia pelo menos duas espécies de *Ei ete'i* (abelhas sem ferrão), como a *Jate'i* (Abelha Jataí) e *Miri'i* (Abelha Mirim), e, considero muito importante para meu aprendizado resgatar os conhecimentos de nosso povo indígena sobre as abelhas e demonstrar que é possível organizar a continuidade deste conhecimento, inclusive no espaço escolar indígena.

O conhecimento dos indígenas Guarani *Mbyá* sobre as abelhas sem ferrão é parte de sua história neste país. As abelhas e seu mel ajudaram os Guaranis em sua trajetória de resistência, de suas caminhadas. Elas dependem das florestas em pé e da biodiversidade, assim como nosso povo. Mas nos dias atuais, há muito desmatamento e grandes monocultivos com o uso de agrotóxicos, o que tem prejudicado a existência das abelhas nativas.

As abelhas nativas fazem parte da vida e da cultura do povo Guarani *Mbyá*. Para nossa cultura, o mel das abelhas é sagrado, e o conhecimento sobre elas vem de nossos antepassados. O mel é usado como alimento, em nossos rituais de cura, e também em nossos artesanatos, como por exemplo, o arco e flecha.

Os saberes Guarani *Mbyá* sobre a abelha sem ferrão envolvem nossa compreensão do mundo e da relação entre ser humano e outros seres vivos da natureza. Nós somos parte da terra, da natureza, somos um organismo vivo.

Como afirma Ailton Krenak (2020) em seu livro “O amanhã não está à venda”, durante muito tempo na história fomos levados a compreender que a Terra é uma coisa e a humanidade é outra. Mas na verdade, não existe nada que não seja natureza. Somos natureza, a humanidade é também natureza e faz parte desse organismo vivo que é a Terra. Mas, nesta forma civilizatória em que vivemos, os diversos grupos que necessitam estar “agarrados” à terra, são justamente aqueles que são mais massacrados. São a “sub-humanidade: caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes”. (KRENAK, 2020, p. 06)

Num momento em que a destruição da terra, das águas, das árvores, dos animais e insetos é algo que tem se tornado comum no cotidiano de muitas pessoas, nossos saberes Guarani *Mbyá* dizem não à esta destruição, que é justificada pelo chamado desenvolvimento econômico.

Assim, é importante destacar a necessidade de que nossos conhecimentos possam ser passados para as crianças e jovens, para as próximas gerações, que habitarão o planeta nos próximos tempos. E, nossos saberes sobre as abelhas sem ferrão tem uma grande importância

para a conservação das várias formas de vida que existem neste planeta, inclusive da vida humana, inclusive da vida e da cultura indígena.

Neste sentido, o presente trabalho se caracteriza como um memorial reflexivo, buscando sistematizar os conhecimentos Guarani *Mbyá* sobre as abelhas nativas que estão presentes no território da *Tekoa Araça'í*.

Ele está organizado em três capítulos.

No primeiro, apresentamos o território da *Tekoa Araça'í*, um pouco de sua história e como nos organizamos. No segundo capítulo, apresentamos as abelhas nativas que são encontradas em nossa Terra Indígena. E no terceiro capítulo, fazemos uma apresentação sobre os conhecimentos e a sabedoria Guarani *Mbyá* sobre as abelhas sem ferrão, as *Ei'ete'í*.

CAPÍTULO 01

TEKOA ARAÇA Í

Os povos indígenas foram expulsos dos territórios onde moravam desde a colonização portuguesa no Brasil. E nessa história, cada vez mais nossos territórios foram sendo cercados.

São muitos os povos indígenas que existem e resistem em nosso país. Por exemplo, podemos citar os povos Yanomami nos estados de Amazonas e Roraima; os Tupiniquins no estado do Espírito Santo; os Ticunas no estado do Amazonas; os Xavantes no estado do Mato Grosso; os Kaingangos nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo; e os povos Guaranis.

Entre os povos Guaranis que vivem no Brasil, existem os Guaranis-*Kaiowá*, os Guaranis-*Nhandeva* e os Guaranis-*Mbyá* que seguem lutando e construindo seus territórios de vida.

O povo indígena Guarani *Mbyá* encontra-se atualmente na Argentina, no Paraguai e no Brasil. Dentro do Brasil, está nos estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Pará.

Uma das principais lutas indígenas na atualidade é pela demarcação de terras, direito garantido pela Constituição Federal de 1988. Também, a luta contra o marco temporal, que estabelece que apenas teriam direitos às terras, os indígenas que já ocupassem os territórios até o dia 05 de outubro de 1988, dia da promulgação da constituição do país. Outra grande luta dos povos indígenas é pela vida, por suas culturas, e pela existência das florestas e da biodiversidade.

Hoje, existem 732 terras indígenas no Brasil que estão em diferentes fases de demarcação. Essa informação é relatada na página “Terras Indígenas do Brasil - Instituto Socioambiental (ISA)”¹. Destas, 490 são demarcadas e homologadas. O restante são Terras que estão em processo de identificação pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) e de homologação.

A Comunidade Indígena *Araça í*, ou *Tekoa Araça í*, localizada no município de Piraquara, região metropolitana de Curitiba - Paraná, nasceu no ano de 1999. Inicialmente com 40 pessoas entre adultos e crianças, todos do povo Guarani *Mbya*.

¹ Endereço do site: <https://terrasindigenas.org.br/> Acesso em março de 2023.

A Terra Indígena Araçáí está reconhecida através do Decreto Municipal de número 2941/2007, mas ainda não está homologada pelo governo federal. A luta de nosso povo pela demarcação de nossa terra é permanente.

FIGURA 01 – Decreto 2941/2007: Implantação da Terra Indígena Araçáí.



O Prefeito Municipal de Piraquara, no uso de suas atribuições legais, e

Considerando o disposto no artigo 231 da Constituição Federal, que reconhece os direitos originários dos índios sobre as terras que tradicionalmente ocupam;

Considerando que as terras ocupadas pelos índios são de relevante interesse às políticas de valorização da cultura das comunidades indígenas, e

Considerando que cumpre também aos Municípios garantir aos índios e comunidades indígenas, nos termos da Constituição, a posse permanente das terras que habitam, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas naturais e de todas as utilidades nestas terras existentes, conforme previsto no art. 2.º, inc. IX da Lei n.º 6.001, de 19 de dezembro de 1973 – Estatuto do Índio,

DECRETA

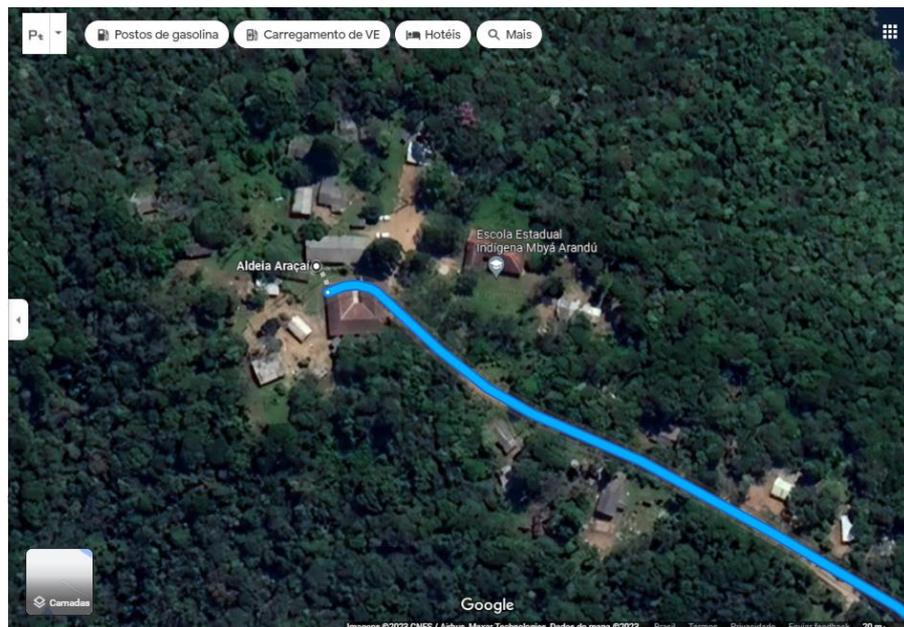
Art. 1.º - Fica declarado de utilidade pública, para fins de implantação do "Espaço Etno Bio Diverso M'bya Guarani - Aldeia Araçá - I" a área de terras abaixo descrita:

Fonte: Prefeitura de Piraquara. Leis Municipais.

As famílias que vivem hoje na Teka Araçáí, vieram da região dos municípios de Mangueirinha e Laranjeiras do Sul (PR). Fomos trazidos para o município de Piraquara por Jorge Roberto Carvalho Grando, na época Secretário do Meio Ambiente do município de Pinhais (PR).

Quando viemos para o município de Piraquara (PR), num primeiro momento fomos instalados numa Chácara do Senhor Jorge Grando, onde hoje funciona um Pesque e Pague. Mas, o Senhor Marcolino da Silva, na época Cacique, não se adaptou no lugar por ser muito próximo da cidade.

FIGURA 03 – Tekoa Araça'í



Fonte: Mapa do Google Earth

Atualmente, somos mais de 22 famílias e 89 pessoas entre adultos e crianças. Praticamente já estamos aqui há 24 anos de lutas neste território e, durante neste trajeto conseguimos construir: a casa de reza, a escola, o posto de saúde, e conquistar saneamento básico pra comunidade da Araça'í.

Nesse tempo de 24 anos já tivemos várias conquistas na Reserva Indígenas Araça'í Mbya Guarani, no entanto, passamos por muitas dificuldades em todos os aspectos, principalmente da luta pela unidade básica de saúde para aldeia. Então, foram muito lutas e muito preconceito que passamos conseguir algo para aldeia e para nossas crianças.

Desde que começamos morar na comunidade Araça'í, a primeira coisa que fizemos foi construir a casa de reza. A casa de reza na comunidade para os povos Guarani Mbyás é fundamental como um espaço de encontro com nossa sabedoria ancestral, de espiritualidade, e de rituais.

A seguir apresentamos uma foto de nossa casa de reza que foi reconstruída recentemente.

FIGURA 04 – Lateral da Casa de Reza



Fonte: Foto de Silvio de Quadro (Tupa Miri Jeguaka)

FIGURA 05 – Casa de Reza



Fonte: Foto de Silvio de Quadro (Tupa Miri Jeguaka)

Com lutas e com a organização das lideranças da comunidade, conseguimos construir uma escola indígena. A primeira construção da escola foi feita de tábua, um espaço importante onde nossas crianças estudam. Nossa escola é chamada de *Mbyá Arandú* Escola Indígena, e atende crianças e adolescentes no Ensino Fundamental. *Mbyá Arandú* em nossa língua significa Sabedoria Guarani.

FIGURA 06 – Placa da Escola Indígena Mbyá Arandú



Fonte: Foto de Silvio de Quadro (Tupa Miri Jeguaka)

Nesta escola, trabalho como professor de ciências, buscando relacionar a sabedoria guarani construída coletivamente por nossos ancestrais e os conteúdos escolares. Nos últimos anos reconstruímos nosso Projeto Político Pedagógico (PPC), onde toda a comunidade participou opinando e discutindo.

FIGURA 07 – Primeira Construção da Escola Indígena Mbyá Arandú



Fonte: Foto de Silvio de Quadro (Tupa Miri Jeguaka)

Há alguns anos, foi construído um novo prédio para nossa Escola. Assim, estamos com uma parte funcionando nas instalações antigas, construídas de madeira, e uma parte funcionando nas novas instalações, que foram feitas de tijolo de cimento.

A escola tem atualmente um quadro de funcionários que misturas indígenas e não

indígenas. São cinco (5) Guaranis Mbyás, e oito (8) *juruás*, ou não indígenas. Temos merendeira, serviços gerais e também a administração da escola, que busca construir sempre um diálogo entre indígenas e não indígenas na construção desse importante espaço educativo.

FIGURA 08 – Novas instalações da Escola Indígena Mbyá Arandú



Fonte: Foto de Silvio de Quadro (Tupa Miri Jeguaka)

Uma segunda conquista nas lutas de nossa tekoa foi o Posto de Saúde, construído primeiramente de tábua de madeira, e mais recentemente com uma construção feita de tijolo. É uma unidade de saúde vinculada ao município de Piraquara, na qual trabalham os seguintes funcionários: um motorista da Secretaria de Saúde Indígena (SESAI), duas auxiliares de enfermagem, enfermeiras, e um Agente Indígena de Saneamento (AISAN). Além disso tem também um médico e um dentista que vão atender a comunidade uma vez por semana. A seguir, apresentamos fotos do novo posto de saúde localizado dentro da Tekoa Araçáí.

FIGURA 09 – Posto de Saúde



Fonte: Foto de Silvio de Quadro (Tupa Miri Jeguaka)

FIGURA 10 – Posto de Saúde – visão lateral

Fonte: Foto de Silvio de Quadro (Tupa Miri Jeguaka)

Além das conquistas da nova escola e do novo posto de saúde, também conquistamos o saneamento básico, caixa d'água e instalação de energia. Através da Sanepar (Companhia de Saneamento do Paraná) conquistamos também um campinho para jogos de futebol.

Então, foram muitas conquistas durante esses 23 anos de existência da tekoa Araçáí. Porém, as lutas continuam. Ainda falta a implementação do Ensino Médio dentro da escola da aldeia, e a finalização da demarcação da terra que ainda está em processo. Apesar de estarmos muito tempo morando neste lugar estamos ainda em processo de demarcação da Terra.

Hoje o Cacique é Laércio da Silva (Tupã Miri), filho do senhor Marcolino da Silva.

Nossa língua Guarani *Mbyá* vem da grande família Tupi Guarani, mas tem algumas diferenças com os povos Guaranis *Nhandeva* ou Guarani *Kaiowá*. Para o povo Guarani *Mbyá* é muito importante manter nossa língua viva. E para que ela fique viva, o primeiro passo é a demarcação de nossa terra. Nela nossa cultura vive, nossa língua vive. Na

Em 2002, numa carta da comunidade indígena Morro dos Cavalos (Palhoça, Santa Catarina), ao governo durante à luta por sua demarcação, vemos a importância da terra para garantir a nossa cultura e a nossa vida. Nessa Terra Indígena vivem os povos Guaranis *Mbyá* e Guarani *Nhandeva*.

Queremos a garantia da terra para viver nossa cultura com liberdade, cultivar nossa cultura, ensinar nossos filhos e nossos netos. Porque hoje em dia, com a falta de uma terra verdadeira para nós, não podemos viver nossa vida e nossa cultura (nhande reko) completamente.

O povo Guarani *Mbyá* tem uma relação muito próxima com a Mata Atlântica, pois ela é parte de sua sobrevivência. Formar aldeias próximo à Mata Atlântica é vital para nossa cultura, para nossas práticas de cura, para produzirmos nosso artesanato, e também como morada de muitas espécies da natureza, inclusive para as abelhas nativas.

Nosso sistema produtivo se baseia em nossos conhecimentos construídos desde os nossos antepassados. Tanto a produção quanto nossos rituais se baseiam em duas estações: *ara pyau* (ano Novo), que se refere ao calor, ou primavera-verão, e *ara yma* (ano velho) que se refere ao outono-inverno.

No próximo capítulo, apresentaremos algumas informações sobre as abelhas nativas que estão presentes na Tekoa Araçaí.

CAPÍTULO 02

AS ABELHAS NATIVAS NA *TEKOA ARAÇA Í*

Sabemos que o uso do agrotóxico e os desmatamentos em grande quantidade tem um grande impacto nas abelhas nativas, e atualmente com o modelo de produção baseado no uso de agrotóxicos e na derrubada das matas, têm morrido muitas abelhas.

Em uma reportagem do jornal “BBC News Brasil” que foi apresentada em 17 de setembro de 2019, indicava que um agrotóxico havia matado 50 milhões de abelhas no Estado de Santa Catarina em apenas um mês. Os testes feitos na busca do motivo da morte dessas abelhas acusaram o uso do inseticida *fipronil* que é usado nas plantações de soja na região para matar insetos que prejudicam o monocultivo da soja. Esse agrotóxico, passado através da pulverização, que é aplicado na terra, nas sementes, e no momento da floração, já tinha sido proibido em outros países quando foi comprovado que causava a morte de abelhas. Mas não é proibido no Brasil. (TORRES, 2019, n.p.)

O jornalista que apresentou a reportagem indicou que Santa Catarina é um dos estados com maior produção de mel no nosso país, e que tem mais de 90% desta produção com certificação orgânica, o que causou uma grande preocupação com morte das abelhas e com a qualidade do mel. As cidades mais afetadas foram Major Vieira e Rio Negrinho. Além do inseticida *Fipronil*, foram encontrados também o fungicida *trifloxistrobina*, e o inseticida *triflumuron*, quando as abelhas mortas foram examinadas. As principais empresas que produzem e comercializam esses agrotóxicos são a Bayer e a Basf, mas elas insistem em dizer que seu uso correto não prejudica as abelhas. O *fiprofenil* desde 1994 já está no Brasil. (TORRES, 2019, n.p.)

A reportagem também indicava que no ano de 2019 tinha sido registrado a morte de abelhas por causa de agrotóxicos além de Santa Catarina, também nos estados do Rio Grande do Sul, São Paulo e Mato Grosso do Sul. Entre dezembro de 2018 e fevereiro de 2019, nesses estados os agrotóxicos mataram quase 500 milhões de abelhas. (TORRES, 2019, n.p.)

Além de reproduzir bastante mel no caso de Santa Catarina, reproduzem em suas plantações também os agrotóxicos que apresenta perigo as abelhas. Devido à liberação dos agrotóxicos, não sabemos até quando as abelhas vão resistir aos comportamentos dos seres humanos construídos a base de uma relação venenosa com a natureza.

Os povos indígenas são defensores das matas e da sua biodiversidade, de todas as formas de vida que existem na natureza. Entendemos que o ser humano é parte da natureza e deve construir uma relação de respeito à vida em sua totalidade. A natureza é parte também da nossa vida e da nossa espiritualidade.

Os povos Guaranis Mbyás, que sempre tiveram uma forte relação com a mata atlântica, também construíram um forte vínculo com as abelhas e o mel.

Rodrigues (2005) apresentou em seu trabalho de pesquisa chamado “Etnoconhecimento sobre as abelhas sem ferrão: saberes e práticas dos índios Guarani Mbyá na Mata Atlântica”, que, os vários estudos feitos sobre as abelhas sem ferrão no Brasil indicam que os nomes populares dados aos insetos são de origem indígena. Isso demonstra que há uma sabedoria que foi construída historicamente pelos nossos antepassados. Esses conhecimentos sobre as várias espécies de abelhas que compõe a nossa biodiversidade, classifica espécies, conhecimentos sobre floração como alimento para as abelhas, e sobre as estações do ano em que elas aparecem mais ou menos no território.

A relação que os povos indígenas constroem com o ambiente onde vivem, sua forma de organização, fazem com que eles compreendam a totalidade das relações no ecossistema. Essa sabedoria está vinculada ao território em que vivem durante gerações e gerações através da oralidade e ali constroem e transmitem conhecimentos.

O conhecimento das abelhas pelos povos Guaranis Mbyás está relacionado à religiosidade, ao uso medicinal para algumas doenças e também para o uso como alimentação. Para o manejo destas abelhas, se coloca ninhos nos troncos das árvores próximos às moradias. Para conseguir esses ninhos, os indígenas caminham nas matas próximo às aldeias, buscando ninhos fortes e com grande quantidade de abelha. O ninho precisa estar forte para a abelha aguentar a mudar de lugar, senão ela morre. (RODRIGUES, 2005)

Karai Poty, indígena guarani Mbyá da Tekoa Krukutu, conta que na busca das colméias das abelhas é preciso conversar com a floresta, Ele diz que “de tanto você prestar atenção no mato, o mato parece que fala para você o que você quer saber”. Para encontrar a *Ixy* (abelha mãe de todas) é preciso muita calma e cuidado. Se perder ou machucar a *Ixy* é muito difícil que o ninho dê certo, pois as outras abelhas não se acostumam. (KARAI POTY *apud* RODRIGUES, 2005, p. 99-101)

No caso da Tekoa Araçáí, fizemos um levantamento das espécies de abelhas que existem ali. Esse levantamento foi feito a partir de observações e vivências nesta terra indígena que fica localizada próximo a uma reserva ambiental no município de Piraquara.

FIGURA 11 – Placa de entrada da Tekoa Araçaí



Fonte: Foto de Adriana Potyju de Quadro

Foram localizadas 5 espécies que são: *Miri,i*, *Miri Guaxu Jate,i*, *Ei raviju*, e *Manduri,i*. Como é de costume Mbya Guarani sair para caçar, pescar ou buscar lenha, foi através destas saídas que localizei a *Eite í*, a abelha sem ferrão. Como a aldeia se localiza no meio de uma floresta que tem muitas nascentes, floragens da vegetação, é fácil perceber as abelhinhas no seu ambiente. Essa área ambiental oferece muito alimento por natureza.

Abaixo apresentamos um quadro com o nome das abelhas em Guarani Mbyá que foram encontradas na Terra Indígena Araçaí, a especificação delas se com ou sem ferrão, o nome dado pelos não indígenas a esta abelha, e o nome científico dado a elas de acordo com a descrição encontrada no trabalho de Rodrigues (2005)

Quadro 01 – Nome e identificação das abelhas encontradas na Tekoa Araçaí

Etnoespécie Guarani Mbya	Ferrão	Nome Juruá (não indígena)	Nome científico
<i>Jateí</i>	Sem Ferrão	Jataí	<i>Tetragonisca angustula</i>
<i>El miri í</i>	Sem Ferrão	Mirinzinha	<i>Friesella schottky</i>
<i>Ei raviju</i>	Sem Ferrão	Mandaçaia	<i>Melipona quadrifasciata</i>
<i>Manduri,i</i> ou <i>Mandori</i>	Sem Ferrão	Manduri	<i>Melipona Marginata</i>
<i>Ei Guaxu</i>	Com Ferrão	Abelha Europa	<i>Apis mellífera</i>

Fonte: Informações encontradas no trabalho sobre etnoconhecimento Guarani Mbyá sobre as abelhas (RODRIGUES, 2005)

Abaixo vamos descrever um pouco sobre cada espécie a partir do conhecimento Guarani Mbyá que foi sistematizado no trabalho de Rodrigues (2005)

2.1 *Jateí*:

A *Jateí* são abelhas sem ferrão, chamadas pelos juruás de Jataí. O nome científico delas é *Tetragonisca angustula*.

São abelhinhas bem pequenas e Amarelinhas. A Jataí é uma abelha muito dócil, muito mansinha, elas ficam voando perto da entrada das casinhas é sempre tem algumas abelhas na entrada no ninho. Não atacam, mas são valentes para proteger seu ninho. Formam um caminho para a entrada no ninho para poder entrar e sair, um tubinho de cera. Pode chover muito forte que não chove dentro. (RODRIGUES, 2005)

A colmeia é formada por duas partes principais, *ta 'yre* (o favo) parece uma bola com a cera. É onde ficam as crias. Tem outra parte que é a embalagem e ali tem muitas bolinhas cheia de mel. As bolinhas vão sendo enchidas pelas abelhinhas trazido das flores. E algumas bolinhas são enchidas de *Evorakue* (polem). A Jatai faz o ninho em qualquer lugar de preferência no lugar que não venta muito por serem espécie muito pequeno. Pode ser encontrado nos troncos ou em alguma madeira seca. Elas preferem o oco das árvores velhas por causa que a árvore é mais mole. Elas sempre se instalam em algum lugar porque as vezes saem do tronco para outro tronco para o maior. Assim indica que a família é forte. (RODRIGUES, 2005)

Ei Ete'i Jate'ima nhandebya kuery rembi'u haeraka'e. Jate'i má kyingue'i ha'gui imporavairei'i'ju'iva'e. Jate'i má tekoa Araxá'i py ikuai há ekuery maje jajoura nda' yvytui reia 'irupi. (Depoimento de Silvio de Quadro em Guarani Mbyá, junho de 2023)

Mel verdadeiro Jataí, e entre outros que faz parte da nossa cultura. Mel, alimento preferido das indígenas, as abelhas são muito pequenas e amarelinhas. Jataí tem na aldeia como achar os ninhos no lugar que tem menos vento (Tradução do depoimento de Silvio de Quadro, junho de 2023)

A abelha *jateí* tem uma presença forte na Aldeia Araçaí.

2.2 *Ei Miri'í*:

A abelha *Ei miri'í* é uma abelha sem ferrão. É chamada pelos não indígenas de Mirinzinha, e seu nome científico é *Friesella schottky*.

É uma abelha bem pequena, menor que a *Jateí*. Usa o bambu e troncos velhos para

fazer a colmeia. Algumas ficam na parede das casas. Ela tem na casinha delas uma cobertura na parede para tampar todos os buracos. (RODRIGUES, 2005).

Para tirar o mel delas, como é muito pequeno, não sobra nada, e acaba destruindo, por isso é preciso cuidar mais desta espécie. Quando é extraído, utiliza-se o mel, a cera e os potes de pólen que são consumidos no local da extração. O mel também é usado no lábio das crianças recém nascidas para evitar ferida. (RODRIGUES, 2005)

2.3 *Ei raviju:*

A abelha *Ei Raviju* é sem ferrão. Chamada pelos juruás de Mandaçaia, também leva o nome científico de *Melipona quadrifasciata*.

Essa abelha é maior que a *Jateí*, mais redonda. Tem listas pretas. Algumas quase branca nas barrigas. Difícil de encontrar na mata. Elas gostam de pau velho e fazem suas casas em tronco. Elas voam bem longe da casa. O ninho delas é diferente da abelha *jateí*, fica tudo dentro de uma bola. O interior da colmeia tem uma aparência suja. (RODRIGUES, 2005)

A cera da abelha *Ei raviju* é usada no artesanato engomar as peças, e a cera é usada para fabricar velas que são usadas na *opy* (casa de reza). (RODRIGUES, 2005)

2.4 *Mandori:*

A abelha *Mandori* é uma abelha sem ferrão. É chamada de Manduri pelos não indígenas. Seu nome científico é *Melipona Marginata*.

Essa abelha tem cor de ferrugem, meio ruivinha, como se fosse uma cor queimada. Não é muito grande ou muito pequena. Ela é braba e fica nervosa rápido. Quando ela morde não dói muito porque não tem ferrão. Ela é valente. O ninho delas tem uma entrada que parece um barro escorrido. É mais difícil encontrar essa abelha porque ela não fica em grupo voando perto da casa. Para colocar ela na caixa é mais fácil. As bolinhas de mel parecem que as vezes estão mais cheias e outras vezes mais vazias, dependendo se está frio ou calor. Usa-se a cera delas para fazer velas para a *opy* (casa de reza). (RODRIGUES, 2005)

Na Tekoa Araçaí, as abelhas sem ferrão estão presentes na floresta que contorna a aldeia. A espécie não é fácil de achar, mas por ser guarani, estava caçando e fazendo armadilha na mata, quando olhei para as árvores e vi a presença desta abelha bem embaixo de um caule de *ssasafras*, uma árvore que também usamos como remédio².

A entrada da casa da abelha manduri é como se fosse um pé de galinha. Quando a

² Árvore Sassafras, é da família das *Lauráceas*: Canela Sassafras. Uma árvore do bioma da mata atlântica.

quando vi, uma abelha estava na porta de entrada olhando pra mim.

A seguir apresentamos a foto desta casa de abelha no pé da árvore.

FIGURA 12 – Casa de Abelha *Mandori* no tronco de árvore



Fonte: Foto de Silvio de Quadro (Fevereiro de 2023)

A *Mandori* é uma espécie parecida como abelhas *apis*³. Apresenta listras amarelinhas mais forte do que a espécie *apis*. As abelhas Manduris são mais calmas e mansinhas do que as *Apis*.

Inclusive o Município de Mandirituba, próximo à Curitiba, tem o nome baseado na referência das abelhas manduris. Foi denominado assim devido à existência destas abelhas nativas que eram cultivadas pelos indígenas Tupis-Guaranis que habitavam toda a região de Curitiba⁴.

³ A abelha *apis*, também é chamada de abelha europeia. O nome científico para indicação desta abelha é *Apis mellifera*.

⁴ Informação retirada do site da Prefeitura Municipal de Mandirituba. Disponível em: <https://www.mandirituba.pr.gov.br/noticias/dia-do-indio> Acesso em agosto de 2022.

FIGURA 13 – Casa de Abelha *Mandori* em árvore na Floresta



Fonte: Foto de Silvio de Quadro (Fevereiro de 2023)

2.5 *Ei Guaxu*:

A abelha *Ei Guaxu* é uma abelha com ferrão. Chamada pelos não indígenas de Abelha Europa. Também carrega o nome científico de *Apis mellífera*.

Elas são muito brabas. Todas picam e dói muito. Elas não distinguem as pessoas, picam todos quando estão bravas. Elas têm um ferrão. Na mesma família dela tem abelhas mais pretas e abelhas mais claras com listinhas amarelas na barriga e tem também as que são mais castanhas. A *Ei Guaxu* tem um ninho sempre grande e com muita abelha. O mel dela é muito bom e forte. Para mexer no ninho tem que ter muita proteção e prática. (RODRIGUES, 2005)

Para ter na caixa essa abelha é bom se pensar somente no mel e na cera, porque dá muito. Mas é preciso avaliar por causa dos riscos das picadas quando elas estão bravas. A cera é usada para fazer velas para o uso na casa de reza. É usada no preparo da remédios na medicina tradicional. (RODRIGUES, 2005)

2.6 As Abelhas Nativas na Cultura Guarani

Fizemos uma entrevista com o *Xeramoi* e *Xejarai* (Anção e Anciã) da Tekoa Araçaí, e também com os demais membros da comunidades, com o propósito de relatar conhecimentos dos mais velhos sobre as abelhas. Eles são considerados memórias vivas. O senhor Marcolino Silva, que é o *Xeramoi*, tem seu nome Guarani Mbyá de Karai Tataendy Marangaju. A senhora Natalina da Silva, a *Xejarai*, tem seu nome Guarani Mbyá de Jera Rete.

Então, eles relataram que as abelhas nativas são sagradas para os povos Mbya Guarani. São sagradas desde o surgimento do Planeta (*Yyryrupa*) que foi gerado pelo *Nhanderu Papa Tenonde* (Deus primeiro), principalmente para manter *Nhandereko* (o modo de viver Guarani).

Na produção de mel, nós temos da cultura indígena Mbyá Guarani as abelhas sem ferrão. Seu tempo para produzir é entre os meses de agosto até janeiro. É neste tempo de produção que os indígenas retiram o mel para seu consumo, para uso medicinal ou para o “batismo”. Mas também compreendemos que não se pode tirar todo o mel, sempre é necessário deixar um pouco pra elas se alimentarem e pra não deixarem seus ninhos, principalmente porque é retirado da natureza. As vezes por causa do período de chuva prolongado, pelas mudanças que tem acontecido do tempo, dificulta a produção do mel de maneira mais rápida.

Fizemos algumas casinhas de abelha que ficam mais próximo às nossas casas. Abaixo apresentamos algumas fotos delas.

FIGURA 14 – Casa de Abelha sem ferrão na Tekoa Araçaí - I



Fonte: Foto de Silvio de Quadro (Fevereiro de 2023)

FIGURA 15 – Casa de Abelha sem ferrão na Tekoa Araçaí - II



Fonte: Foto de Silvio de Quadro (Fevereiro de 2023)

Essas casinhas de abelhas foram feitas por Avelivo Silva (Tupa Xondaro), e estão localizadas próximo a sua casa. Elas foram feitas no ano de 2000.

CAPÍTULO 03

A SABEDORIA GUARANI MBYÁ SOBRE AS EI ETE'Ī

Neste capítulo apresentamos os conhecimentos e a sabedoria Guarani Mbya sobre as abelhas sem ferrão, as *Ei Ete'Ī*.

Nhe'e Porã é uma palavra Guarani *Mbyá* que significa belas palavras. “Se trata das boas palavras, das palavras belas. Não belas apenas por sua sonoridade, mas por serem palavras que vem do coração, que vem do sentimento, que tocam o pensamento e o coração de quem está ouvindo”. (TUKANO, 2023)

A sabedoria guarani é para nós *Nheé Porã*, pois nela está o pensamento indígena, a nossa língua indígena que é falada e é cantada. Nossos povos lutam juntos na defesa das florestas, porque elas são nossas casas, nossa vida, nossa terra. E a terra é viva, segundo a fala da *Jerá Guarani*:

Yvy Jaikovea Ae. Yvy ma oT ae ma raka'e tekove oT e'y re. Yvy, opamba'e'ĭ oiko'ĭa heta oT mboaraei, vyvutu mirT vevui há'e heta mba'e ojekuaa.
 Mbovy ma'ety rire, ka'aguy régua kuery opa rupi oikuaa oendu porã aguã mba'emo pa oT yvy re. Mby'a oguereko kava'e pygua ombojeroviaa rupi nhomoir~u, há'e rami ae py yvy re jogueroáa py tekove'ĭ re ae Ot.
 Ejavi nhombojoja. PeteT tekoa ma OT mbaraete heta rupi, pavê pegua oikove va'e kuery ejavi katuT pe yvy rupa rekoa ijoja aguã tekove rupi, reko, ijayvua há'e py oT va'e py. (JERÁ GUARANI *apud* TUKANO, 2023, n.p.)

Terra é viva. A vida existe neste mundo desde antes do surgimento da humanidade. A terra, morada de diferentes seres, tem muitos cantos. São cantos de pássaros, da brisa suave dos ventos e dos habitantes das diversas paisagens.
 Ao longo de milênios, os povos originários de todos os continentes desenvolveram uma escuta atenta, capaz de ouvir e aprender com a memória do mundo. O sentimento de pertencimento a este lugar e o profundo respeito pelos seres que nele habitam é o que nos une. Por isso a luta pela terra é a luta pela vida.
 Tudo está interligado. Um território é muito mais que um pedaço de terra. (JERÁ GUARANI *apud* TUKANO, 2023, n.p.)

No Documentário “*Orembae Ei Yma Guare: O Mel do Passado*” produzido por indígenas Guarani Mbyá em 2019, apresenta a experiência de retomada do cuidado com as abelhas sem ferrão na *Tekoa Ytu*, Terra Indígena Jaraguá de São Paulo.

Foram vários depoimentos coletados que mostram a sabedoria Guarani Mbyá sobre as abelhas sem ferrão, inclusive sobre o uso medicinal dos remédios feitos do *Eiteí* (mel) pela *xejaryi*, da moradora da comunidade de Jaraguá. Ela conta para que e para quem funciona seus remédios, indicado por exemplo para dor de cabeça, gripe, tosse, entre outros. Num dos depoimentos, mostra que o falecido *xeramoi* Karai Poty, falava sobre o remédio feito o mel, que ao toma-lo é preciso acreditar para que ele possa fazer efeito, é necessário tomar o remédio com respeito. (OREMBA´E EÍYMA, 2019)

O Falecido *xeramoi* Karai Poty falou que as abelhas sem ferrão são sagradas, e por isso, quando você vê uma casa dela na natureza e pretende fazer o manejo do mel, é importante deixar ela no seu lugar, somente limpar ao redor de sua casa. O *xeramoi* também orienta para só tirar o mel quando precisa dele, mas que aqueles que tem a casa do mel fabricada (meliponário), podem mexer para cresçam, isto com muito cuidado para não as machucar. Orienta também que preferencialmente deve ir sempre a mesma pessoa para limpar ao redor do lugar onde elas moram, para que elas não vão embora dos ninhos, ou mudem de suas casas. Assim o *xeramoi* relatou neste documentário. (OREMBA´E EÍYMA, 2019)

O *Xeramoi* Natálicio, da Terra Indígena Jaraguá comentou sobre as abelhas sem ferrão e sobre sua importância, principalmente para os *xeramoi*, para as crianças, para a casa de reza e para aqueles que ainda frequentam na casa de reza. Ele também fala a respeito do batismo do mel. (OREMBA´E EÍYMA, 2019)

O batismo do mel é parte da cultura do povo Guarani Mbyá, que chamamos de *Mbojape´i Nhemongarai´i*. É um agradecimento aos deuses para que eles fortaleçam a comunidade.

Fazemos também o batismo da *Ka´a´i* (erva mate) que ocorre no começo de *Ara pyau* (ano novo), no mês de Agosto/Setembro, e no ano velho (*Arayma*) no mês do Fevereiro. Esse batismo acontece primeiro porque *Nhanderu Tenonde* está abrindo a sua porta (no ano novo), portanto o batismo é uma forma de agradecer *Nhanderu Tenonde* (setembro). E no *Arayma*, que é no mês do fevereiro, esse batismo ocorre porque o *Nhanderu Tenonde* já vai fechar a sua porta novamente. Nesses períodos também ocorre o batismo de nosso nome indígena (certamente em setembro e fevereiro). Os nossos nomes que recebemos vem de *Nhanderu Kuery*. Essa explicação vem das palavras do *Xeramoi Marangaju* (Marcolino Silva).

Na Tekoa Ytu, Terra Indígena Jaraguá (SP), o batismo do Mel se inicia a partir de Agosto, Setembro e Novembro. (OREMBA´E EÍYMA, 2019)

Já na Tekoa Araça´í, onde vivo, no momento atual o batismo é realizado no mês de setembro por que neste mês começa *Ara pyau* (ano novo), e, no mês de março *Ara yma* (ano

velho), onde *Nhenderu Tenonde* (Deus primeiro) fecha as portas. Para o costume Mbya Guarani o ano novo começa a partir mês de agosto. Na Tekoa Araça'i, fazemos o batismo do mel nestes meses. Durante os 23 anos em que vivemos lá, teve quatro vezes o batismo do mel, porque moramos numa reserva de proteção ambiental, e precisa ter um lugar adequado para o plantio, e para o manejo do mel.

3.1 O Batismo do Mel na Tekoa Araça'í

A primeira vez que fizemos o batismo do mel na Tekoa Araça'í foi no ano de 2016, e ocorreu na antiga *Opy* (casa de reza). As outras três vezes ocorreram já na nova *Opy*, em março e setembro de 2022 e em março do ano de 2023.

O batismo mel tem o significado do agradecimento aos deuses, como por exemplo: *Nhamandu* (Deus Sol), *Tupã* (Deus Trovão), e *Nhendexy* (Mãe de todos). Pra que eles nos fortaleçam sempre em cada dias, meses e anos, em todos os sentidos, inclusive espiritualmente. O batismo do mel envolve Idosos, Adultos, Jovens e crianças.

A preparação do batismo começa bem de manhãzinha.

Os homens preparam o *Ei ryru hy'akua* (purungo) para colocar *Ei eteí* (Mel) no Purungo. Buscam o mel na floresta com o objetivo de concentração pra ritual. Cada família retira o mel que em seguida é colocado na purungo (Hy'akua) ou takuara, conforme que a família, os filhos que ele tem.

Assim que terminam de coletar o mel e colocá-lo no purungo, esperam as mulheres e vão para a *Opy* (casa de reza) onde o batismo é realizado.

Enquanto isso as mulheres preparam o *Mbojape* com *Avaxi hete'i* (Milho Verdadeiro) próprio do Mbya Guarani. As mulheres socam o milho no pilão, tiram a massa e coam na peneira (*Erumpe*) para ficar bem parecido como fubá. Em seguida colocam numa bacia com água morna, fazendo uma massa. Colocam para assar na brasa em formatos variados, ficando em torno de meia hora dependendo do fogo. Se a fogueira ficar boa, o tempo pode até ser mais curto. Assim que é retirado da brasa é lavado na água fria está pronto o *Mbojape* ou *Mbyta*. Então depois de preparar tudo isso, começa ritual meio dia em ponto (*Kuaray Mbyte*)

O preparo deste alimento é feito especificamente para o ritual do batismo, em função de agradecer ao *Nhanderu Kuery* (Deus), à natureza, entre outras coisas. Também se fala sobre as coisas que se passam no dia a dia, e se agradece ao *Nhanderu Kuery* (Deus).

A cerimônia começa *kuaray Mbyte* meio dia em ponto com todos. Forma-se uma fila somente de homens e uma fila somente de mulheres. O ritual demora praticamente duas horas no máximo, dependendo da quantidade de pessoas presentes.

Quando termina o ritual, algumas pessoas ficam para pitar o *Petynguá*, mesmo de dia como de costume. Algumas vão para suas casas para comer *tembi'u* (alimentos). À tarde, por volta das 5 horas da tarde já estão todos e todas de volta na *Opy*, e começa o *jeroky* (danças do *xondaro*) até anoitecer. Depois disso, os participantes com suas famílias entram na *Opy* (casa de reza).

Nesse rito, cada família leva seu *petyngua* (cachimbo), *ka'a* (erva mate), e o *pety* (fumo de corda) que atualmente é comprado na cidade. O *pety* é picado para ser usado no *Petyngua* (cachimbo) durante a ação cerimonial.

Cada família usa seu próprio *Petyngua* (cachimbo), e pitam, os pais, as mães, os jovens e adolescentes. Porém, tem uma regra para pitar. Primeiro os homens e em seguida as mulheres.

A cerimônia vai até dia seguinte ao amanhecer, assim que sol (Kuaray) nasce, por volta das sete ou oito horas da manhã, quando as crianças e adultos já podem consumir o *Ei ete'í* com *Mbojape*. Todos e todas de cada família consomem uma pequena porção, mesmo aqueles que não estiverem presentes no ritual, para que as pessoas possam começar o novo período com energia renovada, com uma energia nova.

Este é um momento muito especial para toda a comunidade.

O mel é usado como alimento, em nossos rituais de cura, e também em nossos artesanatos, como por exemplo, o arco e flecha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui terminamos nosso trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, realizado na Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral. A pesquisa que se desenvolveu durante o Projeto de Aprendizagem (PA) sobre o tema as *Ei etei'í*, foi muito importante para que pudéssemos registrar um pouco de nossa cultura e de nossa sabedoria Guarani Mbyá com relação ao mel e as abelhas nativas.

Também foi importante para resgatar a presença de algumas abelhas sem ferrão que existem e moram no território onde está localizada a Terra Indígena Araçá'í, uma tekoa que se formou no ano de 1999 no município de Piraquara, região metropolitana de Curitiba, no estado do Paraná.

As abelhas sem ferrão que vivem nesse território são: *Ei Miri'í*, a *Jateí*, a *Ei raviju*, e a *Manduri,i*. Elas vivem principalmente nas matas da Reserva de Proteção Ambiental na qual estamos vivendo. Mas também tem a presença da abelha com ferrão que chamamos de *Miri Guaxu ou Ei Guaxu*, ou abelha europa como chamam os *jurua's*.

O mel e a cera sempre tiveram uma grande importância na história de nosso povo. Ele foi e ainda é utilizado como alimento, para fazer remédios, e para fazer alguns tipos de artesanato. Ele é tão importante que nós Guaranis Mbyás temos o batismo do mel, chamado de *Mbojape'í Nhemongarai'í*. Esse é um momento de agradecimento e pedido aos deuses para o fortalecimento da comunidade. Assim como esse batismo do mel, temos também o batismo da *Ka'a'í* (erva mate), e o batismo de nosso nome indígena. O batismo do mel é parte da cultura do povo Guarani Mbyá, que chamamos de *Mbojape'í Nhemongarai'í*. É um agradecimento aos deuses para que eles fortaleçam a comunidade. Esses momentos são realizados no *Ara pyau* (ano novo) e no *Arayma* (ano velho).

Em nossa cultura a vida humana e a vida de outros seres da natureza estão interligados. Essa vida coletiva depende que seja mantida em pé as matas e a biodiversidade. Somos parte dessa natureza. Assim, consideramos que é importante tanto a defesa da biodiversidade como da diversidade dos povos - da existência de nosso povo. Essa luta indígena por território que estamos enfrentando necessita da demarcação de nossas terras, necessita do reconhecimento de nossa cultura e do nosso modo de ver o mundo, necessita do avanço de educação escolar indígena própria.

Na Tekoa Araçaí temos uma Escola Indígena chamada de *Mbyá Arandu* (Sabedoria Guarani). Nela temos conseguido construir uma forma de educação própria, onde trabalhamos a língua indígena, nossa história, nossos saberes.

Ainda não conseguimos trabalhar nesta escola a sabedoria guarani Mbyá sobre as abelhas sem ferrão e o mel. Mas temos a intenção de trabalhar com nossas crianças esses conhecimentos, para que eles continuem com a nossa cultura. Através da Ciências, área de conhecimento em que trabalho nesta escola, podemos trazer presente esses conhecimentos sobre as abelhas sem ferrão e o mel. Esperamos que nos próximos anos possamos trabalhar com as crianças essa temática, e possivelmente fazer junto com elas caixas de abelha próximo da Escola.

Nossos saberes guaranis, que são passados para as gerações mais novas durante nossos rituais de batismo, durante nossos momentos na Casa de Reza, também devem estar presentes no dia-a-dia da escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. SP: Companhia das Letras, 2020.
- OREMBA'E EÍYMA - **O Mel do Passado**. Direção: Laura Rachid e Thiago Carvalho Wera'i. Produção: Documentário Guarani Mbya. Idealizador. Thiago Henrique Wera Poty. Tradução: Wera Mirim Marcio Boggarim. Youtube. Publicado em 12.12.2019. Duração: 37min. e 59 seg. Disponível em: <https://youtu.be/roBoFIObNsY> Acesso em março de 2023.
- PIRAQUARA. **Decreto 2941/2007: Implantação da Terra Indígena Araçá'i**. Piraquara: Jornal "Agora Paraná", 03 de maio de 2007.
- POVOS INDÍGENAS DO BRASIL. ISA. **Guarani Mbyá**. *Online*: ISA, 2016. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_Mbya . Acesso em dezembro de 2022.
- RODRIGUES, Arnaldo dos Santos. **Etnoconhecimento sobre as abelhas sem ferrão: saberes e práticas dos índios Guarani Mbyá na Mata Atlântica**. Dissertação apresentada à Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo. Piracicaba, SP, março de 2005.
- TORRES, Aline. O Agrotóxico que matou 50 milhões de abelhas em Santa Catarina em um só mês. *In*: **BBC News Brasil**. *Online*: BBC News Brasil, 17 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49657447> Acesso em novembro de 2022.
- TUKANO, Daiara. (Curadora). **Exposição Nhe'e Porã: Memória e Transformação**. SP: Museu da Língua Portuguesa, 12/10/2022 a 23/04/2023. Disponível *online* em: https://nheepora.mlp.org.br/?fbclid=IwAR2jAnOvWabbgfWw4wE2P9wIvoqSXmfL5wco0pb1ELf_5JcvbqzRG1Y2hH0 Acesso em março de 2023.

ANEXOS

01. LISTA DE ALGUMAS PALAVRAS GUARANI *MBYÁ* USADAS NESSE TRABALHO

Arayma	- Ano velho
Ara pyau	- Ano novo
Ei ete'i	- Abelhas sem ferrão
Hy'akua	- Purungo
Jate'i	- Abelha Jataí
Juruá	- Não indígena
Ka'a'i	- Erva mate
Karugua	- Arco Íris
Mandori'I Ei Eteí	- Abelha Manduri
Mbyá Arandu	- Sabedoria Mbya
Miri'i	- Abelha Mirim
Tekoa	- Aldeia Guarani. Terra Indígena Guarani.
Xejaryi	- Anciãs
Xeramoi	- Anciãos